Capítulo XVIII — Continuação do precedente

Falarei das ciências físicas e naturais? É aqui sobretudo que se faz sentir, em toda a sua extensão, a funesta influência do paganismo clássico. O universo é um magnífico espelho em que se refletem, sob mil traços diversos, as perfeições de Deus que escapam ao olho humano. O firmamento com seus inumeráveis sóis, a terra com suas riquezas infinitas são dois pregadores eloquentes cuja língua, inteligível a todos os povos, anuncia incessantemente a glória do Criador. Na fronte dos céus, como na superfície do grão de areia, Deus gravou em caracteres cintilantes a prova da sua existência, do seu poder, da sua sabedoria e da sua bondade. É por isso que, passeando um olhar escrutador sobre a criação inteira que acabava de tirar do nada, o supremo obreiro disse que todas as coisas eram boas. É por isso que os sábios do Oriente diziam: O universo é uma lira de que Deus é o músico.

Quem ousará negar que o verdadeiro fim das ciências físicas seja procurar na natureza o que o olho divino nela viu; que a sua glória seja achá-lo, e o progresso do homem servir-se disso como de um degrau para elevar-se ao conhecimento mais perfeito e ao amor mais fiel do Criador, sua felicidade e seu fim? Ou, para falar como a teosofia indiana: quem ousará negar que a felicidade do homem seja ser iniciado nos segredos divinos dessa misteriosa harmonia? pois o homem também não é, em certo sentido, o deus e, por isso, o músico do universo? Não é preciso, então, que as cordas harmoniosas dessa lira, montada pelo próprio Criador, estremeçam sob a sua mão sábia?

Procurar o mundo espiritual no mundo material, tal é o fim principal que se deve perseguir ao ler o grande livro da natureza; nele descobrir meios de cura e de bem-estar material é apenas o segundo. A ordem providencial consiste em harmonizar esse duplo fim; a desordem consiste em esquecer o primeiro para só se ocupar do segundo: é o materialismo, é a profanação da ciência; pois é a sujeição da natureza à iniquidade e a degradação da inteligência.

Dóceis à voz do próprio Criador, assim compreenderam o estudo da natureza tanto os profetas como os Padres da Igreja e os séculos de fé. Nada é comparável às sublimes lições de Jó e de Isaías, aos tratados imortais de são Basílio, de santo Ambrósio, de são Gregório de Nissa, de são João Crisóstomo e de santo Agostinho sobre a obra dos seis dias. Além do fim superior da ciência, que magnificamente atingiram, deram aos mais difíceis problemas soluções que a ciência moderna é bem obrigada a admitir sob pena de desatinar perpetuamente. Assim a compreenderam, nos tempos modernos, alguns gênios bastante fortes para resistir ao arrastamento do materialismo pagão.

> *A maior utilidade, dizem, que se pode tirar do estudo da natureza é excitar-se à piedade. Não existe assunto de reflexão mais desejável que os fenômenos da natureza, quando se os refere a um autor inteligente... É ver o universo como um templo em que estamos em adoração permanente. Em vez de só pensar em Deus raramente, como acontece aos que não têm esse hábito, torna-se-nos de algum modo impossível não ligar a ideia de Deus a todos os objetos que nos ferem o olhar. Não existe um só corpo organizado que, nos meios que tem de conservar-se e reproduzir-se, não demonstre o cuidado particular que o Criador lhe concedeu a esse respeito. É, pois, uma mesma inteligência que tudo ordenou; é a mesma inteligência que se interessa por todos os seres criados. É sob as leis desse ser que vivemos; a nossa existência, a nossa felicidade estão em suas mãos, e tudo o que temos a esperar deve vir dele. No imenso quadro que nos oferece a natureza, vemos que nada foi negligenciado e que o mesmo grau de atenção e de cuidado foi concedido aos menores objetos. Como poderia ocorrer-nos que um dia seremos esquecidos ou negligenciados nós mesmos?*[1]

Por seu lado, ao tratar de uma ciência particular de que o paganismo moderno longamente e cruelmente abusou, Cuvier soube indicar o fim a que cumpria reconduzi-la. Estabelece que a geologia demonstra que os anais da terra concordam com os anais dos povos e confirmam maravilhosamente o relato de Moisés.

> *É, diz ele, um dos resultados ao mesmo tempo mais bem provados e menos esperados dessa ciência, resultado tanto mais precioso quanto liga por uma cadeia ininterrupta a história natural e a história civil. Penso, pois, com os Srs. Deluc e Dolomieu que, se há algo de constatado em geologia, é que a superfície do nosso globo foi vítima de uma grande e súbita revolução cuja data não pode remontar muito além de cinco a seis mil anos; que essa revolução soterrou e fez desaparecer o país que habitavam antes os homens e as espécies de animais hoje mais conhecidas; que, ao contrário, pôs a seco o fundo do último mar e dele formou os países hoje habitados; que é desde essa revolução que o pequeno número de indivíduos por ela poupados se espalharam e propagaram sobre os terrenos recém-postos a seco e, por conseguinte, que é desde essa época somente que as nossas sociedades retomaram a sua marcha progressiva, formaram estabelecimentos, recolheram fatos naturais e combinaram sistemas científicos.*[2]

Fazer servir a natureza à glória do seu autor e ao bem espiritual do homem, sem excluir nenhum dos resultados materiais da investigação: tal é a ordem, tal é, sob a inspiração do cristianismo, a magnífica missão da ciência. Quem dirá o papel vergonhoso a que a condenou o paganismo moderno? Está escrito que os filisteus, depois de se apoderarem de Sansão, cortaram-lhe os cabelos, furaram-lhe os olhos e condenaram-no a girar diante deles uma mó de moinho para divertir-se, até o dia em que o forte de Israel os sepultou sob as ruínas do seu templo,

transformado em teatro.

Eis o que o paganismo fez das ciências físicas. Apoderou-se delas; despojou-as da força e da luz postas nelas para dar testemunho ao Criador; torturou-as de todas as maneiras para arrancar-lhes blasfêmias; proibiu-as de jamais pronunciar o nome de Deus. No lugar dele, pôs-lhes nos lábios a palavra natureza: a natureza fez tudo o que vemos; a natureza colocou o instinto nas suas criaturas; a natureza impõe a imobilidade a algumas das suas criaturas: a natureza por toda parte, a natureza sempre, sem jamais dizer o que é essa mulher. Depois de degradar as criaturas, constrangeu-as, por longos e perseverantes esforços, a revelar-lhe os seus segredos, a abrir-lhe as entranhas; e serviu-se de umas e explorou outras para procurar grosseiros gozos; e embriagou-se deles, e embriagou com eles a sociedade inteira, que vacila sobre as suas bases à espera de achar um túmulo nessa orgia sem nome, em que o ateísmo forçado da criação se junta à incredulidade dos espíritos e ao sensualismo dos corações.

Degradar a natureza, condená-la ao mutismo religioso e reconduzir o mundo moderno ao sibaritismo do século de Tibério, eis o que o paganismo clássico fez das ciências físicas. É tudo? Ainda não. Em vez de lhes deixar, para exprimir-se, palavras cristãs e inteligíveis, compôs-lhes um jargão ininteligível que não é de nenhum país, mas que tem a vantagem de trazer o duplo cunho do paganismo grego e do paganismo latino. Como não protestar, em nome do bom senso e do bom gosto, como em nome da própria ciência, contra a terminologia bárbara introduzida pela Renascença na nossa língua científica! Fá-lo-emos pelo órgão de um homem acima de suspeita.

> *Sem dúvida uma ciência não poderia limitar-se aos termos vulgares; é forçada a ter termos particulares. As palavras precisam ser definidas, isto é, simplesmente explicadas por outros termos mais vulgares e mais simples, e a única regra dessas definições é não introduzir nelas nenhum termo que precise ele mesmo ser explicado, isto é, que não seja claro por si mesmo ou já explicado antes.*

> *Não sendo os termos científicos inventados senão pela necessidade, é claro que não se deve carregar ao acaso uma ciência de termos particulares. Seria, pois, de desejar que se abolissem esses termos científicos, e, por assim dizer, bárbaros, que só servem para impor; que em geometria, por exemplo, se dissesse simplesmente proposição em vez de teorema, consequência em vez de corolário, observação em vez de escólio, e assim os outros. A maioria das palavras das nossas ciências é tirada das línguas doutas onde eram inteligíveis ao próprio povo, porque muitas vezes eram apenas termos vulgares ou derivados desses termos. Por que não conservar-lhes essa vantagem? As palavras novas, inúteis, bizarras ou tiradas de longe demais são quase tão ridículas em matéria de ciência quanto em matéria de gosto. Não se poderia tornar a língua de cada ciência demasiado simples, e, por assim dizer, demasiado popular; não só é um meio de facilitar-lhe o estudo, é ainda tirar um*

> *pretexto de desacreditá-la junto ao povo, que se imagina ou quereria persuadir-se de que a língua particular de uma ciência constitui todo o seu mérito, que é uma espécie de muralha inventada para defender-lhe as aproximações.*[3]

Talvez o povo nem sempre se tenha enganado. Seja como for, enquanto as ciências falarem francês em grego e em latim, ou antes, um idioma bárbaro, mistura bizarra de duas línguas mortas, jamais se tornarão populares. A mais graciosa de todas, a botânica, permanecerá sufocada sob o peso da sua ininteligível nomenclatura. É mais um benefício de que lhes somos devedores pela nossa admiração fanática pelos pagãos.

Há outro. Ao tornar-se pagã, a ciência tornou-se toda material, ou, como se diz, toda positiva. A sua glória consistiu em estudar a matéria, nada mais que a matéria; multiplicou as observações e as experiências, acumulou fatos numerosos. Repito, é essa a sua glória; não reivindica outra. Mas os fatos sós são a ciência? De modo algum: tanto quanto o corpo sem a alma não é o homem, tanto quanto os materiais amontoados de qualquer jeito ou espalhados aqui e ali pelo chão não são um edifício; tanto quanto cores, por mais ricas que sejam, lançadas sem ordem sobre a tela, não são um quadro. O que falta à ciência atual é a vida; é um pensamento fecundo que a anime, que lhe harmonize e coordene todas as partes, e isso lhe falta porque a fé falta à razão. Em suma, enquanto a ciência, tornada pagã com a Renascença, não voltar a ser francamente cristã, não será mais que um cego que percorre sem guia regiões desconhecidas, um ignóbil operário condenado a arrancar penosamente do seio da terra as pedras do edifício que a sua mão não construirá: o gênio que cria é filho da fé.

Dessa ausência da fé resultam ainda tanto a impotência absoluta de elevar-se a qualquer visão de conjunto como a estreiteza, o individualismo, por assim dizer, que marca com o seu triste cunho todos os trabalhos atuais da inteligência. As divisões, as subdivisões, verdadeira epidemia da ciência, invadiram todas as partes dos conhecimentos humanos. Daí vem que os homens mais distintos são levados a esta notável confissão: que as ciências mais em honra hoje não deram um passo desde Aristóteles.

> *"A fisiologia comparada, diz o Sr. Bourdon, permaneceu tal, mais ou menos, como a encontramos nas imortais obras de Aristóteles, sem acréscimo, sem luzes novas. À força de distinguir todas as coisas até graus quase infinitos, as generalidades que fazem as ciências foram quase geralmente negligenciadas. Exceto três ou quatro naturalistas, cujas obras fazem a glória das ciências modernas, a maioria dos que se ocuparam da história da natureza fizeram dela uma ciência cheia de puerilidades.*[4]

Buffon fala a mesma linguagem:

>

> *A história dos animais de Aristóteles, diz ele, é talvez ainda hoje o que temos de mais bem feito nesse gênero... Parece, por sua obra, que os conhecia talvez melhor e sob vistas mais gerais do que se os conhece hoje.*[5]

A esses testemunhos seria fácil acrescentar muitos outros.

Os progressos nas ciências físicas, tal é contudo o belo lado da história da razão tornada incrédula ao tornar-se pagã. Deus nos livre de contestar-lhe qualquer dos êxitos reais de que se gloria; mas esses êxitos mesmos, dizemo-lo ousadamente, foram funestos ao verdadeiro progresso do espírito humano, isto é, à sua marcha progressiva para a verdade: a verdade é Deus, e eles o afastaram de Deus.

Não somente o inclinaram para a matéria, apresentando-lha como a fonte única dos seus gozos e da sua glória, mas ainda exagerando a seus olhos a importância das ciências naturais e de todas as que a elas se referem. Ao ver as inumeráveis obras de ciência, física, natural, geológica, matemática, publicadas sobretudo há um século; ao ver as viagens empreendidas por terra e por mar, as despesas prodigiosas feitas por particulares e por governos; ao ver as honras concedidas aos homens que realizaram algum progresso, os elogios dados a essas ciências e o lugar que ocupam no ensino, não se diria que o homem só foi criado para conhecer as propriedades da matéria, que esse conhecimento é o primeiro de todos os conhecimentos, pela dignidade, pela utilidade, pela certeza?

Aqui transparece o espírito que anima, talvez sem que o saibam, os continuadores da Renascença. Decoraram com o título exclusivo de ciências exatas as matemáticas, introdução às ciências físicas, e disseram:

> *Fatos simples, bem vistos e bem confessados: eis o ponto de partida necessário de toda ciência. Semeai geômetras, e dessa semente fecunda nascerão por toda parte filósofos.*[6]

De fato, o meio não é mal achado. Quando tiverdes conseguido persuadir que só é exato, isto é, verdadeiro, o que se pode tocar com a mão, ver com o olho, provar por A mais B, é evidente que só tereis ímpios e céticos. Todas as verdades que não forem suscetíveis desse gênero de prova, não se elevando mais, a vossos olhos, acima da verossimilhança ou da probabilidade, deixarão de ser para o homem esclarecido pontos de crença e regras obrigatórias de conduta. Criar o materialismo na moral, o pirronismo na religião, na história, na filosofia: eis a última palavra das ciências naturais tornadas pagãs. Se isso é um progresso, homenagem à Renascença.

Notas

[1] Lineu, *Essais* [Ensaios], etc.

[2] *Disc. sur les rév.* [Discurso sobre as revoluções], etc.

[3] D'Alembert, *Encyclop.*, art. *Éléments*.

[4] *Principes de physiol. comp.* [Princípios de fisiologia comparada], p. 45.

[5] *Manière d'étudier l'hist. natur.* [Maneira de estudar a história natural], t. I, p. 43, 44.

[6] *Encycl.*, arts. *Éléments* e *Géométrie*.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:38 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:38 by Admin